

País negocia empréstimo-ponte

Acertado o financiamento dos juros até 89, agora o Brasil negocia um empréstimo-ponte e um pacote de médio e longo prazos, que poderá ser assinado dentro de 15 dias

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O Brasil e os bancos credores começaram a discutir, ontem, o texto do contrato do pacote de médio e longo prazos, e os termos de um empréstimo-ponte para o pagamento dos juros do segundo trimestre deste ano, depois que concordaram, no final de semana, com uma quantia básica para o financiamento dos juros de 87 a junho de 89, ou US\$ 5,8 bilhões, e com um spread igual ao do México, ou 0,8125%.

"A grande questão, para nós, é se o Brasil vai agora manter-se em dia com o pagamento dos juros" — disse ao Estado o representante de um grande banco internacional.

"Os bancos já estão sabendo que o Brasil não pode pagar só com os recursos de suas reservas. Estão conscientes disso", afirmou uma fonte brasileira, acrescentando: "Está será uma negociação paralela, podendo seu resultado ser incluído no contrato em discussão".

A mesma fonte também informou que não há um dia fixado para que o Brasil pague os juros remanescentes de janeiro e os vencidos em fevereiro, num total de US\$ 700 milhões. "Ficamos de pagar durante esta semana, e o faremos quando operacionalmente possível."

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, voltou a Nova York, na manhã de ontem, para participar da nova rodada de negociações. A previsão, otimista, é de que elas sejam concluídas em 15 dias, numa maratona de trabalho, para que os primeiros desembolsos do pacote possam ser feitos em junho. Neste mesmo período os bancos já deverão repor um mínimo de US\$ 600 milhões e um máximo de US\$ 1 bilhão, nas linhas de curto prazo.

O anúncio de que os créditos interbancários e comerciais voltariam ao volume normal de US\$ 15 bilhões recuperando até algumas linhas voluntárias que caíram com a moratória, animou os gerentes de bancos brasileiros em Nova York. "Um alívio", disse um deles ao Estado: "Estamos todos alimentando a expectativa de mais negócios, a partir de agora". Segundo ele, "cada banco vai querer pegar um pedaço destes créditos, alguns só repondo, na verdade, o que perderam".

Os gerentes de bancos brasileiros, em Nova York, estão considerando que o acordo anunciado no domingo, mas ainda pouco divulgado ontem, nos Estados Unidos, "é o melhor do que os que o Brasil já fez", como disse um deles, "porque desta vez conseguiu-se um financiamento razoável, com uma taxa boa".

Entre alguns banqueiros internacionais, a receptividade ao anúncio dos números principais do pacote foi também boa. Um deles preferiu chamar de "desembolso-ponte" o que entre os negociadores brasileiros seria um empréstimo-ponte, porque "isto já foi feito no acordo provisório, de US\$ 3 bilhões", este desembolso tomaria a forma de uma antecipação, ou mesmo uma escolha de uma parcela maior como primeiro pagamento dos bancos.

"Nós esperamos ainda que o Brasil conclua um acordo com o Fundo Monetário Internacional" — declarou um banqueiro europeu, confirmando que ele não estaria vinculado com o pacote de médio prazo, embora os dois acabem prontos ao mesmo tempo, em junho. "O importante é que a receptividade, em geral, foi muito boa", concluiu.

Quando as negociações recommençavam em Nova York, ontem, outras abriam-se no FMI em Washington.

Os pontos do acordo

1. Vigência..... Até 30/6/89
2. Bancos concedem refinanciamento de juros..... US\$ 5,8 bilhões
3. Bancos aumentam o crédito de curto prazo..... US\$ 600 milhões
4. Brasil paga juros variáveis (libor)..... 6,8% a.a. hoje
5. Brasil paga spread (taxa de risco) menor 0,8125%
6. Brasil paga taxa adicional (comissão) 0,36%
7. Brasil paga juros atrasados US\$ 700 milhões